

Eduardo Sued

GRAVURAS

década de 70

A-tonais

Essa exposição se justifica não por ser uma representação de gravuras realizadas há exatamente vinte anos atrás, mas porque hoje elas nos dão sua justa medida. Afirmativas, centrais, estão mesmo na base do processo pictórico de Sued. Revê-las agora significa poder desdobrá-las sobre a sua pintura. Nas chapadas de cor, na estrutura construtiva, encontramos quase um limite possível do meio que só uma decidida vocação pictórica poderia exigir e ultrapassar. Nelas aquele modelo de serialidade estabelecido por Albers na "Homenagem ao Quadrado" ganha um acento meridional, senão tropical. Subtons, linhas e áreas de cores solares e abrasivas coexistem com frequências cromáticas que parecem se formar na transparência atmosférica. Poderíamos ver aí - é uma hipótese -, uma síntese construtiva da sensibilidade cortante das marinhas de Pancetti com as paisagens lírico/atmosféricas de Guignard. Construções abstratas de certas sugestões da paisagem, de certas ondulações da natureza, da difusão vibrátil de certas tardes. Gratuitamente líricas, desinteressadamente líricas, mais do que imagens elas parecem definir um estar, que não é só sugestão de paisagem e natureza, mas um estado imanente/transcendente. Obedecem a uma espécie de construção musical; modulações rítmicas. Esboço de frase melódica que incorpora uma dessintonia, um elemento que escapa ao sistema; contrapontual, ligeiramente dissonante, uma linha curva, um ponto, linhas... pontos... desfazendo a expectativa da ordem ou da natureza. Entre uma e outra, casuais e construídas, estão sempre numa frequência entre. Aí está a exemplaridade desses modelos sintéticos: um acorde sonante que nos atrai e um dissonante que nos surpreende. A-tonais.

Paulo Venancio Filho

Agradecimento: GB Arte/Márcia Barroso do Amaral